

CONSTRUÇÕES DO *LOCUS HORRENDUS* NAS *HISTORIAE*, DE TÁCITO

RESUMO

O presente artigo apresenta comentários e análises a respeito dos elementos e recursos retóricos utilizados por Tácito na elaboração do *Livro das Histórias*, obra escrita no início do segundo século de nossa era e que trata dos acontecimentos do ano de 69, ano em que ocorreu grande disputa pelo poder que desembocou em guerra civil romana. A obra trata de ações ocorridas logo após a morte de Nero e discorre sobre a luta pelo poder supremo entre, principalmente, quatro personalidades romanas. Examinam-se, assim, cenas em que Tácito desvela esses acontecimentos por meio do *Locus horrendus*.

Palavras-chave: Roma antiga; História; Retórica.

LOCUS HORRENDUS CONSTRUCTIONS IN HISTORIAE, BY TACITUS

ABSTRACT

This article presents comments and analyzes about the rhetorical elements and resources used by Tacitus in the elaboration of the Book of Stories, a work written in the beginning of the second century of our era and which deals with the events of the year 69, the year in which a great dispute occurred for the power that led to the Roman civil war. The work deals with actions that took place shortly after Nero's death and discusses about the struggle for supreme power among, mainly, four Roman personalities. We examine scenes in which Tacitus shows us these events through Locus horrendus.

Keywords: Ancient Rome; Story; Rhetoric

CONSTRUCCIONES DE LOCUS HORRENDUS EN HISTORIAE, DE TACITO

RESUMEN

Este artículo presenta comentarios y análisis sobre los elementos retóricos y los recursos utilizados por Tácito en la elaboración del Libro de las Historias, una obra escrita a principios del siglo II de nuestra era y que trata los eventos del año 69, el año en que ocurrió una gran disputa por el poder que condujo a la guerra civil romana. El trabajo trata de acciones que tuvieron lugar poco después de la muerte de Nerón y discute la lucha por el poder supremo entre, principalmente, cuatro personalidades romanas. Por lo tanto, examinamos escenas en las que Tácito revela estos eventos a través de Locus horrendus.

Palabras-clave: Roma Antigua; Historia; Retórica

O presente texto visa a apresentar elementos retóricos utilizados por Tácito na obra *Historiae*, elementos que evidenciam aspectos horrendos, isto é, cenas relacionadas àquilo que, em sua tessitura, Tácito engendra para impactar o leitor na experiência do confronto com crueldades, torturas, mortes, tendo como protagonista, sobretudo, o exército romano. Esse autor é reconhecido, de maneira geral, como um dos mais importantes escritores históricos da Roma antiga e seus escritos foram fundamentais para o conhecimento a respeito das engrenagens romanas e dos movimentos sociais de seu povo e de seus comandantes. Inicia sua carreira sob o império de Vespasiano e, ao afastar-se da vida política, dedica-se ao gênero História, isso quando se sente completamente livre para escrever, sem a interferência de algum imperador. Insere em seus textos grande análise dos fatos e, principalmente, análise das ações humanas que transparece na sua escrita devido à força de seu estilo, ao domínio que apresenta sobre a linguagem.

Autor, portanto, de obras de cunho histórico, Tácito escreveu o *Livro das Histórias*, obra provavelmente publicada entre 110 e 113 d.C. e considerada, juntamente com os *Anais*, uma de suas obras maiores. É um texto de maturidade, que visa à análise e reflexão sobre a história romana. Do que restou das *Historiae* – pouco mais de cinco livros –, seu autor nos faz um relato bastante detalhado daquilo que considerou ser uma época atroz, a saber, o ano 69 d.C., também chamado ano dos quatro imperadores. Por meio do *ingenium* típico do historiador antigo, Tácito emprega apuradas técnicas narrativas em um jogo retórico que, por meio da seleção do vocabulário e da cena histórica, envolve o leitor e o leva a um conhecimento minucioso de um período conturbado da romanidade, em que a disputa pelo poder faz com que a guerra civil se instaure.

Na arquitetura desse livro, arregimentam-se discursos diretos atribuídos a personalidades relevantes, bem como também discursos indiretos que se mesclam à visão do narrador. Além disso, digressões são utilizadas, por exemplo, como uma forma de preparação para uma batalha, ou ainda para corresponder, grosso modo, a um intervalo entre as ações de uma persona-

lidade ou do próprio exército. Ainda sobre o estilo de escrita, Tácito impregna seu texto de estruturas narrativas cinematográficas, permitindo ao leitor a visualização das cenas. Dessa maneira, entre os recursos para esse efeito estão presentes a evidência e a éctrase, recursos que permitem a visualização do discurso verbal, provocando impacto sobre os leitores, transformados em espectadores, com a intenção de fazer ver a guerra e os conflitos como aconteceram ou bem próximos ao que aconteceu. Para além disso, o *Livro das Histórias* também pode ser lido como obra biográfica, visto que elenca várias figuras da história romana e seus feitos, bem como tece observações a respeito de muitos costumes romanos. Ao descrever e explicar procedimentos das lideranças romanas e dos soldados, esse livro histórico de Tácito pode também ser considerado uma espécie de manual de guerra, proporcionando um estudo sociológico da estrutura romana por meio de sua tessitura. Perpassando esse conjunto de elementos, é igualmente uma narrativa embebida de massacres, realizados não só por um simples soldado como também pelo exército no seu todo, envolvendo a população romana, ora vítima dessas atrocidades, ora cúmplice dos massacres. Para exemplificar de que trata a obra, seu escritor, já em seu início, aponta aquilo que seria a sua matéria, ao escrever

Empreendo obra rica em desgraças, atroz em batalhas, dividida em revoltas, além disso severa na própria paz: quatro príncipes assassinados pelo ferro; três guerras civis, várias guerras externas e a maior parte do tempo concomitantes; prósperas as situações no Oriente, adversas no Ocidente: a Ilíria perturbada, as Gálias vacilantes, a Britânia subjugada e constantemente deixada de lado; as nações dos sármatas e suevos em levante contra nós, o enobrecido daco em silenciosos flagelos, também perto das agitadas armas dos partos por causa da enganação de um falso Nero. Além disso, a Itália ameaçada por novas ou repetidas ruínas depois de uma longa série de séculos; cidades destruídas ou soterradas na mais fértil região da Campânia; e Roma devastada

por incêndios que destruíram os mais antigos templos, o próprio Capitólio incendiado pelas mãos dos cidadãos. Rituais profanados, muitos adultérios; o mar cheio de exilados, os rochedos impregnados pelas carnificinas. Para praticar mais crueldades em Roma, descuidadas a nobreza, as riquezas, as honras e exercidas em favor do crime, e mais certa a morte por causa das virtudes. Dos delatores não menos odiosos os prêmios do que os crimes, visto que uns obtiveram sacerdócios e consulados como despojos de guerra e outros as administrações e o poder político mais oculto, e eles agiriam e destruiriam todas as coisas com o ódio e o terror. Servos corrompidos contra os senhores, libertos contra patronos; e aqueles aos quais faltava um inimigo, oprimidos foram pelos amigos (*Opus adgreior opimum casibus, atrox proeliis, discors seditionibus, ipsa etiam pace saeuum: quattuor principes ferro interempti; trina bella ciuilia, plura externa ac plerumque permixta; prosperae in Oriente, aduersae in Occidente res; turbatum Illyricum, Galliae nutantes, perdomita Britannia et statim missa; coortae in nos Sarmatarum ac Sueborum gentes, nobilitatus cladibus mutuis Dacus, mota prope etiam Parthorum arma falsi Neronis ludibrio. Iam uero Italia nouis cladibus uel post longam saeculorum seriem repetitis adflicta: haustae aut obrutae urbes, fecundissima Campaniae ora; et urbs incendiis uastata, consumptis, antiquissimis delubris, ipso Capitolio ciuium manibus incenso. Pollutae caerimoniae, magna adulteria: plenum exiliimare, infecti caedibus scopuli. Atrocis in urbe saeuutum: nobilitas, opes, omissi gestique honores pro crimine et ob uirtutes certissimum exitium. Nec minus praemia delatorum inuisa quam scelera, cum alii sacerdotia et consulatus ut spolia adepti, procurationes alii et interiorem potentiam, agerent uerterent cuncta odio et terrore. Corrupti in dominos serui, in patronos liberti; et quibus deerat inimicus per amicos oppressi).*

Além desse trecho, o historiador apresenta até o 11º capítulo uma introdução daquilo que pretende narrar a respeito da história romana nesse ano de 69 d.C. e, no excerto acima, destaca-se uma vertente que perpassa as *Historiae* e que faz parte desta nossa reflexão: a narrativa a respeito dos aspectos relacionados à crueldade. Este início é, portanto, como uma cortina que se abre para que se evidencie, em várias passagens, uma estrutura narrativa que se concentra em desvelar o quanto o ano de 69 foi marcado por atos violentos.

Essa estrutura narrativa se utiliza, de forma bastante intensa, de um *topos* da literatura, a saber, o chamado *locus horrendus*. Em geral muito presente nas tragédias, intenta-se aqui comentar cenas desse constructo retórico em um outro gênero, a saber, o histórico, e verificar como esse mesmo constructo de um *locus horrendus* pode ou não ser capaz de instruir e deleitar os leitores. Diferentemente de outras obras de outros autores em que se associa esse topos a locais ou ações alegóricas, nas *Historiae* Tácito organiza seu texto de forma a desvelar ao leitor que o horrendo foi a síntese do ano 69, sendo os soldados romanos os principais responsáveis pelas desgraças surgidas. Além disso, descreve essas ações abomináveis apontando os locais onde aconteceram, locais bastante conhecidos para os romanos, como Cremona, Bedriaco e a própria cidade de Roma.

O termo *locus*, bastante utilizado nos textos antigos, pode se referir a uma localização física e também a uma passagem específica dentro de determinado texto, de acordo com o sentido 23 do Oxford Latin Dictionary. Quintiliano observa: “Denomino ‘locais’, não segundo a acepção voltada para a luxúria, o adultério e assemelhados, com que se entendem vulgarmente, mas os centros dos argumentos, em que estão ocultos e dos quais devem ser extraídos” (Quintiliano, 2015, p. 227). Sobre os vários tipos de *locus*, Quintiliano também escreve e os compara a locais físicos, afirmando que devem ser espaçosos, ou de grande duração figurativamente, e muito expressivos devido à sua variedade. Compara-os também a uma casa e declara *domum forte magnam et in multos diductam recessus. In ea quidquid notabile est animo diligenter adfigunt, ut sine cunctatione ac mora*

partis eius cogitatio possit percurrere (uma casa grande talvez, e casa dividida em muitos recônditos. Nela todas as coisas são notáveis e fixam de forma cuidadosa na memória, para que a reflexão de todas as suas partes possa percorrer sem hesitação e sem demora). Quintiliano, assim, conceitua aquilo que seja *locus* e preceitua também o seu uso e importância para o discurso, de suma relevância para a argumentação, devendo se fixar na memória. Dessa maneira, no processo de construção textual, utiliza-se o recurso de associar o significado de *locus* (a casa dividida em vários cômodos), em que cada repartição se ajusta às partes do discurso. Cícero também faz apontamentos sobre o conceito e o uso desse topos e escreve que muitos devem ser utilizados, e que sejam “claros, bem desenvolvidos e separados por pequenos intervalos” (*illustribus, explicatis, modicis interuallis*).

Por meio, então, da guerra, do conflito civil, enfocam-se com especial atenção os elementos que se projetam no horrendo, podendo ser estabelecida assim uma relação entre o conteúdo e a expressão retórica por meio da palavra. O *locus horrendus* não se situa somente no local, como muitas vezes é retratado na literatura, mas também na ação propriamente realizada pelos atores da narrativa. Escritores greco-romanos escreviam seus textos tendo como pano de fundo uma vasta gama de ensinamentos retóricos para que de fato, em cada gênero utilizado, a obra pudesse despertar emoções, paixões, ideias específicas do gênero proposto. Horácio, por exemplo, deixa isso exposto no início de sua *Ars poetica*, ao escrever *Humano capiti ceruicem pictor equinam/ iungere si uelit et uarias inducere plumas/ undique collatis membris, ut turpiter atrum/ desinat in piscem mulier formosa superne,/ spectatum admissi, risum teneatis, amici?* (se um pintor quisesse ligar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo e aplicar penas variegadas sobre os elementos tomados de diversas partes, de tal modo que uma mulher formosa na parte superior terminasse em peixe horrendamente negro, admitidos a contemplar isso, conteríeis o riso, ó amigos?). Poder-se-ia, então, argumentar que no gênero História os elementos retóricos poderiam distorcer o fato, mesmo que os historiadores geralmente expressassem o conceito de imparcialidade quando utilizavam a fórmula *sine ira et*

studio. Entretanto, o conceito de parcialidade, muitas vezes, vem acrescido de aspectos subjetivos, aquilo que é o verdadeiro pode se apresentar revestido de imagens pessoais, ora mais, ora menos, coloridas pelos escritores. Em Tácito, podemos dizer que suas técnicas retóricas não desbotam a verdade, podendo, ao contrário, contribuir para dar uma ideia mais precisa daquilo que possa de fato ter ocorrido.

Utilizando recursos em geral muito presentes no texto trágico, Tácito interpreta, organiza, seleciona aquilo que tem às mãos e reconstrói as cenas por meio de imagens que levam o leitor a presenciá-las, como se esse mesmo leitor estivesse ali na cena narrada ao mesmo tempo em que acontecem os fatos. De acordo os preceitos aristotélicos, uma diferença entre poesia (campo em que se situa o texto trágico) e história diz respeito ao cunho temporal, sendo que, na tragédia – por exemplo –, narram-se fatos que poderiam vir a acontecer. Já na história, relata-se aquilo acontecido e, nas *Histórias*, Tácito nos conta os fatos acontecidos no ano 69 d.C. Assim, de acordo ainda com os preceitos do estagirita, Tácito, bem como os outros historiadores, enuncia verdades gerais, ainda que para isso (ou por isso mesmo) lance mão de cenas que possam desagradar a audiência, em um choque de violência e pânico, nesse caso, perpetrados pelo exército romano.

Fato comum aos escritores da antiguidade greco-romana é, portanto, o emprego de regras específicas para cada gênero, bem como de artifícios de construção, como as figuras retóricas e os denominados *topoi*, lugares-comuns utilizados como forma de desenvolver argumentos e ideias para o êxito e sucesso do texto. Nas tragédias, por exemplo, entre seus artifícios de construção está o *locus horrendus*, recurso literário que pode se presentificar nos mais variados gêneros, sendo entretanto parte intrínseca da tragédia, com o objetivo de que se representem ações graves para gerar o temor que desemboca na catarse.

A exemplo do que ocorre nas tragédias, nas *Histórias* Tácito espera que aconteça o reconhecimento, neste caso, de que o exército é uma força descontrolada, de que detém um poder que poderia provocar

um colapso de autoridade e levar o império romano a uma grande crise de comando. E, emulando ainda a tragédia, espera-se talvez uma espécie de peripécia advinda das cenas mais cruéis provocadas por esse mesmo exército, daí resultando um temor em relação ao poder que os soldados detinham, fazendo com que esse mesmo poder se deslocasse de fato para alguém com capacidade de arregimentar o exército. Dessa maneira, aponta-se que Tácito é autor que se aproxima bastante da estrutura da tragédia em seus textos históricos, como ratifica Santoro L’Hoir: “Reference to drama in general and tragedy in particular is only one aspect of Tacitus’s multifarious rhetorical methods” (Santoro L’hoir, 2006, p. 2), sendo portanto a tragédia uma das configurações retóricas da estrutura de seu texto. Ainda no âmbito dos comentadores modernos, Mellor afirma que Tácito é considerado o maior expoente da historiografia trágica na literatura latina: “His extraordinary mastery of tragic tone, theatrical characterization, and dramatic technique combine to make him the great tragedian of ancient Rome” (Mellor, 1993, p. 122). Em relação aos escritores antigos e a respeito dessa influência do texto trágico em outros gêneros, Quintiliano é autor que registra o quão benéfico é o estudo das tragédias para o gênero oratório e para o discurso (*manque is et sermone (quod ipsum reprehendunt quibus grauitas et coturnus et sonus Sophocli uidetur esse sublimior) magis accedit oratorio generi*), ressaltando a força, o estilo elevado e a sonoridade presentes nesse texto e que devem ser utilizados pelo orador. E essas características se fazem presentes em Tácito, não só pela constatação na leitura de seus textos, mas pelo apontamento de escritores de seu entorno, como faz Plínio, o Jovem, na carta enviada a Maturio Arriano, em que diz a respeito de nosso historiador: *Respondit Cornelius Tacitus eloquentissime et, quod eximium orationi eius inest, σεμνῶς* [Cornélio Tácito respondeu de forma muito eloquente e, o que é mais extraordinário em seu discurso, σεμνῶς (majestosamente)].

Para exemplificar um pouco do que Tácito utilizou em termos de recursos retóricos, apresentamos abaixo uma cena das *Historiae* que selecionamos para o estudo do *locus horrendus*. A referida passagem está no segundo

livro, capítulo 70, e seu narrador assim escreve:

Desse lugar Vitélio dirigiu-se para Cremona e, depois de observados os jogos organizados por Cecina, desejou deter-se nos campos de Bedriaco e examinar com cuidado e com os próprios olhos as marcas da recente vitória: espetáculo repugnante e cruel. Nos limites do quadragésimo dia depois da luta, corpos dilacerados, membros amputados, formas putrefatas de homens e de cavalos, o solo infectado com pus, destruídas as árvores e os frutos: uma terrível ruína. Nem menos desumana a parte do trajeto que os cremonenses haviam coberto com coroa de louro e de rosa, construídos os altares e imoladas as vítimas, conforme o costume dos reis. Situações favoráveis no momento presente que logo provocaram o seu próprio aniquilamento. Estavam presentes Valente e Cecina e mostravam os locais da luta: “de um lado uma coluna de legiões havia se precipitado, dali surgidos os cavaleiros, do outro lado tropas dos auxiliares espalhadas por todo o redor”. Já os tribunos e os prefeitos, cada qual exaltando seus feitos, misturavam os falsos e os verdadeiros ou o exagero ao verdadeiro. Também a massa de soldados se afastava do caminho com gritos e alegria, lembrava os lugares das lutas, admirava o montão de armas, examinava as pilhas de corpos; e havia em alguns para quem a diferente sorte das situações e as lágrimas e a compaixão entrariam no espírito. No entanto Vitélio não moveu os olhos nem temeu por tão numerosos milhares de cidadãos insepultos: ao contrário, estava alegre e, ignorante do seu destino tão próximo, oferecia o culto aos deuses do local (*Inde Vitellius Cremonam flexit et spectato munere Caecinae insistere Bedriacensibus campis ac uestigia recentis uictoriae lustrare oculis concupiuit, foedum atque atrox spectaculum. Intra quadragensimum pugnae diem lacera corpora, trunci artus, putres uirorum equorumque formae, infecta tabo humus, protritis arboribus ac frugibus dira*

uastitas. Nec minus inhumana pars uiae quam Cremonenses lauru rosaque constrauerant, extractis altaribus caesisque uictimis regium in morem; quae laeta in praesens mox perniciem ipsis fecere. Aderant Valens et Caecina, monstrabantque pugnae locos: hinc inrupisse legionum agmen, hinc equites coortos, inde circumfusas auxiliorum manus: iam tribuni praefectique, sua quisque facta extollentes, falsa, uera aut maiora uero miscebant. Volgus quoque militum clamore et gaudio deflectere uia, spatia certaminum recognoscere, aggerem armorum, strues corporum intueri, mirari; et erant quos uaria sors rerum lacrimaeque et misericordia subiret. At non Vitellius flexit oculos nec tot milia insepultorum ciuium exhorruit: laetus ultro et tam propinquae sortis ignarus instaurabat sacrum dis loci.

No excerto, o imperador do momento é Vitélio, que é levado a Cremona para assistir ao espetáculo organizado por Cecina. Mas a visão desses jogos não satisfaz totalmente Vitélio e ele deseja ver outro espetáculo ‘repugnante e cruel’. Nas palavras do historiador, poderia ser lido e compreendido que há uma progressão no relato das ações (de Cremona para Bedriaco), mas, por meio das palavras de Tácito, pode-se observar e afirmar que o olhar de Vitélio está faminto pela violência, transgressão e brutalidade, expressos pela visão terrível do acontecido em Bedriaco; visão, entretanto, que se encaixa no desejo de Vitélio em apreciar cenas assim, de corpos já em decomposição. Tácito nos leva a essa percepção ao utilizar os vocábulos *lustrare oculis* na composição do texto, que traduzi por ‘examinar com cuidado e com os próprios olhos’. Traduzi assim por causa do reforço da palavra *oculis* (com os próprios olhos), mas o vocábulo *lustrare* (examinar com atenção) também admite o uso e sentido de alguém purificar-se por um sacrifício expiatório, como atesta o *OLD*: to purify ceremonially (with cathartic or apotropaic rites). Dessa maneira, ao fazer uso de *lustrare*, há uma ideia de que aquilo ali observado, cruel e abominável, possa ser para Vitélio o espetáculo que irá afastar as influências malélicas e as desgraças. É, assim, um acontecimento que Vitélio deseja ver para aplacar sua

vontade e para poder guiá-lo para outras atrocidades. Essa relação com o purificar-se por meio dos olhos, do olhar, é comprovada ao final do capítulo, em que se lê *At non Vitellius flexit oculos nec tot milia insepultorum ciuium exhorruit: laetus ultro* (No entanto Vitélio não moveu os olhos nem temeu por tão numerosos milhares de cidadãos insepultos: ao contrário, estava alegre), revelando assim a insensibilidade do imperador e ampliando a morbidez da cena.

Como em quase toda a obra, Tácito tece seu texto de forma a fazer incutir no leitor a experiência de sentir-se participante da cena, uma testemunha ocular do que acontece, ou por meio da evidência, ou por meio da éctrase. No trecho ora analisado, o narrador também se utiliza de outros recursos para construir a cena, e um deles é o que denominamos de gradação, recurso que se relaciona com a enumeração, em que se expõem, no caso, ações de forma decrescente, a mostrar para nós, leitores, a diminuição da intensidade, revelando por meio de palavras que Vitélio satisfazia seu desejo ao saborear aquela carnificina. A gradação, recurso estilístico-retórico do trecho, está em *lacera corpora, trunci artus, putres uirorum equorum formae, infecta tabo humus* (corpos dilacerados, membros amputados, formas putrefatas de homens e de cavalos, o solo infectado com pus). Mesmo que consideremos ser uma gradação decrescente a passagem, há aí um reforço na ideia de horror, levado ao extremo nas palavras *intra quadagesimum pugnae diem*, horror ao fazer o leitor conceber em sua mente a cena de guerra no quadragésimo depois da luta, cena de grande mortandade e de grande mal cheiro devido à putrefação de corpos. Para compor esse quadro e torná-lo ainda mais repugnante, há a inserção de duas sentenças ao final dos dois primeiros períodos (‘espetáculo repugnante e cruel’ e ‘uma terrível ruína’, reforçadas, no início do terceiro período, pela lítotes ‘Nem menos desumana’, figura em que pode se reunir também um eufemismo com uma ironia, em que se sugere uma ideia pela negação de algo contrário, ou seja, o ‘nem mais desumana’ revela-se como algo muito desumano. Dessa maneira, em sua *inuentio*, ou seja, em seu ato de encontrar pensamentos adequados à matéria em questão, para demonstrar o horror e o absurdo do acontecido, Tácito se vale de recursos como a lítotes e,

nessa ironia da dissimulação, consegue obter um grau superlativo pela negação do contrário.

Ainda neste mesmo capítulo, observa-se que em seu início utilizou o verbo *flexit* (*Inde Vitellius Cremonan flexit*), indicando o deslocamento de Vitélio para Cremona. E o final do trecho apresenta esse mesmo verbo *flexit* antecedido por *non* (*At non Vitellius flexit*), dessa vez revelando a não movimentação de olhos desse imperador, apreciando o espetáculo da morte nessa localidade ao recriar em seu imaginário as cenas de batalha descritas por seus generais. Depois que Vitélio celebra seu sacrifício em Bedriaco, continua seu caminho rumo a Roma, acompanhado por um séquito considerado por Tácito como os piores elementos da corte de Nero. A propósito disso, no intercurso das *Historiae*, o narrador aproxima a personalidade de Vitélio a de Nero, promove uma aproximação e identificação desse imperador com o morto em 68, associação essa em que evidencia ainda mais a insensibilidade de Vitélio em relação ao outro. Da mesma forma, nas *Historiae*, Tácito caracteriza o exército como uma força descontrolada, perigosa para o império romano caso não estivesse sob um comando capaz. No trecho em questão, o narrador escreve *Volgus quoque militum clamore et gaudio deflectere uia* (Também a massa de soldados se afastava do caminho com gritos e alegria), e nos aponta aí uma estranha revelação de alegria que não se ajusta ao momento. Essa explosão de alegria dos soldados é ainda mais reforçada por meio do recurso da *hendíadis*, ou seja, ao invés de serem ‘gritos alegres’, formulou-se no excerto ‘gritos e alegria’ (*clamore et gaudio*), em uma demonstração de que os recursos utilizados pelo historiador são muito importantes para a sequência narrativa.

Em sua narrativa, portanto, pode-se buscar e pesquisar o arcabouço retórico utilizado pelo historiador para que os fatos expostos alcancem seus leitores, Tácito demonstrando um domínio extraordinário da linguagem, entranhando nas *Historiae* a riqueza de recursos da literatura grega e romana, e isso lhe permitindo amarrar a sua longa narração sob um liame retórico. Para evidenciarmos um pouco mais a respeito do *locus horrendus*, e dentre as cenas selecionadas para o presente texto, inserimos a seguir a que retrata a destrui-

ção de Cremona, cena extraída do 33º capítulo do 3º livro. Cremona era uma cidade situada em posição estratégica e de grande importância devido aos rios do entorno e à fertilidade das terras, ponto de passagem de muitas pessoas, além de concentrar relevante mercado comercial. Nesse ano de 69, foi alvo de dois ataques, e foi totalmente destruída no segundo. Nas próprias palavras de Tácito, essa cidade foi uma fortaleza contra qualquer um que atacasse pelo lado dos Alpes, mas sucumbiu pelas mãos dos próprios romanos.

Invadiram a cidade quarenta mil homens armados, de ajudantes e de serventes era um número maior e mais corrompido para a devassidão e para a violência. Nem a dignidade nem o tempo de existência protegiam a cidade de forma a impedir que se misturassem estupros a assassinatos e assassinatos a estupros. Arrastavam para a zombaria os anciãos muito velhos e as mulheres em idade avançada, desprezíveis para os despojos. Quando uma virgem crescida ou alguém atraente devido à aparência caísse nas mãos deles, era feito em pedaços por causa da violência e das mãos daqueles que saqueavam, levava enfim os próprios saqueadores para a mútua destruição. Enquanto cada um puxava para si mesmo o dinheiro ou as oferendas dos templos, carregadas de ouro, eles próprios eram mutilados por maior violência de outros. Alguns, desprezando as coisas que estavam no caminho, ao revistar com pancadas e tormentos os pertences escondidos dos seus senhores, desenterraram os bens escondidos. Nas mãos tochas que, no momento em que haviam retirado os roubos, arremessavam por diversão contra as casas vazias e contra os templos saqueados. E como em um exército abundante em línguas, em costumes, exército do qual os cidadãos, os aliados e os estrangeiros participassem, diversas eram as ambições e diferente a moral para cada um, e nada era ilícito. Por quatro dias Cremona aguentou. Ainda que todas as coisas sagradas e profanas acabassem no fogo,

somente o templo de Mefite permaneceu em pé diante das muralhas, protegido pelo lugar ou pela divindade (*Quadráginta armatorum milia inrupere, calonum lixarumque amplior numerus et in libidinem ac saeuitiam corruptior. Non dignitas, non aetas protegebat quo minus supra caedibus, caedes stupris miscerentur. Grandaeuos senes, exacta aetate feminas, uilis ad praedam, in ludibrium trahebant: ubi adulta uirgo aut quis forma conspicuus incidisset, ui manibusque rapientium diuulsus ipsos postremo direptores in mutuam perniciem agebat. Dum pecuniam uel grauiá auro templorum dona sibi quisque trahunt, maiore aliorum ui truncabantur. Quidam obuia aspernati uerberibus tormentisque dominorum abdita scrutari, defossa eruere: faces in manibus, quas, ubi praedam egresserant, in uacuas domos et inania templa per lasciuiam iaculabantur; utque exercitu uario linguis, moribus, cui ciues, socii, externi interessent, diuersae cupidines et aliud cuique fas nec quicquam illicitum. Per quadriduum Cremona suffecit. Cum omnia sacra profanaque in igne considerent, solum Mefitis templum stetit ante moenia, loco seu numine defensum).*

Nesta, como em várias outras, o historiador insere no texto muitos artifícios retóricos de construção para também auxiliar no entendimento do texto. Aqui, o foco da cena horrenda está na aniquilação de Cremona. De início, para intensificar o horrendo, Tácito contrapõe a importância da cidade, expressa em capítulos anteriores, àquele maior número de soldados que a invadiram e a saquearam: ajudantes e serventes. Assim começa a demonstração por parte do historiador e logo no primeiro período ele engendra uma aliteração em *amplior numerus et in libidinem ac saeuitiam corruptior*. A aliteração provoca aí uma acumulação que, do ponto de vista semântico, amplifica o que está exposto, já ressaltado também pelas próprias palavras. Continua o escritor a compor seu texto por contraposições, como em *Non dignitas, non aetas protegebat quo minus supra caedibus, caedes stupris miscerentur* (Nem a dignidade nem o tempo de existência protegiam a cidade de forma a impedir que

se misturassem estupros a assassinatos e assassinatos a estupros), em que se utiliza da figura retórica quiasmo que, no excerto, estabelece uma forma, uma estrutura cíclica, em que os atos vão se repetindo infinitamente. *Stuprum* e *caedes* são palavras que estabelecem correspondência no trecho, formando uma relação de subordinação, uma levando ao acontecimento da outra.

Num crescendo de atrocidades, Tácito insere uma hipérbole em *grandaeuos senes* (anciãos muito velhos), anciãos que, em companhia de mulheres mais velhas, eram motivo de zombaria. Nesse trecho, além da hipérbole, há uma estrutura assindética ou justaposta em *grandaeuos senes, exacta aetate feminas*, que se separaram por meio da vírgula e que estão ao lado de *uilis ad praedam, in ludibrium trahebant*, ou seja, servem para serem zombados e são desprezíveis. Na nossa tradução, para também sugerir essa ação horrenda, optamos por intercalar anciãos muito velhos e mulheres em idade avançada entre ‘arrastavam para a zombaria’ e ‘desprezíveis para os despojos’ (Arrastavam para a zombaria os anciãos muito velhos e as mulheres em idade avançada, desprezíveis para os despojos).

Na sequência do capítulo, além das atrocidades cometidas contra os habitantes de Cremona, o narrador nos conta que começam também as desavenças entre os próprios saqueadores. Há então um realçar do horrendo devido ao descontrole total entre aqueles que estavam ali em Cremona, ratificado por *maiore aliorum ui truncabantur* (eram mutilados por maior violência de outros). Mais ao final do capítulo, como também apresentado no excerto anteriormente analisado, Tácito insere a figura lítotes em *nec quicquam illicitum* (e nada era ilícito) que, pelo seu contrário, demonstra exatamente que tudo naquele local era permitido. E, por fim, da forma como começou o trecho, o historiador finaliza-o com uma oposição em *omnia sacra profanaque* (todas as coisas sagradas e profanas) para dizer que tudo ali acabou no fogo. Entretanto informa-nos que o templo de Mefite não foi aniquilado, sendo esse o dado final do capítulo. O que se analisa aí é que Mefite era, para os romanos, a deusa das exalações pestilentas. Grimal (Grimal, 2005, p 294) nos diz: “julgava-se que estas emana-

ções causavam pestes e outras epidemias, de modo que Mefitis é considerada por vezes como a deusa da peste”. Dessa forma, então, Tácito encerra o capítulo indicando a permanência desse templo e deixa para o leitor, conhecedor da simbologia de Mefite, completar a informação. Há aí outra técnica narrativa de Tácito, denominada de *innuendo*, que é recorrer a insinuações para, ora mais, ora menos explícitas e quase sempre de forma irônica, sugerir possíveis interpretações e entendimentos.

Com objetivo didático, talvez primordial, de mirar o *docere e mouere*, relata ao leitor e à posteridade o cruel e o horrendo e demonstra o quanto estava descontrolado o exército, cada um por si e sem uma liderança a controlá-los. Não só nesse, mas também em outros diversos capítulos, o historiador nos revela saques por parte do exército que não eram para custear a guerra, relata um catálogo de ações criminosas e aterrorizantes, ações perpetradas principalmente por soldados descontrolados e ávidos de espólios e, dessa maneira, também desvela o outro lado de uma guerra civil, a saber, o lado dos desvalidos, daqueles que sofreram os horrores nas mãos dos soldados, como os cidadãos de Cremona.

Por fim, apresento outro capítulo das *Historiae*, o de número 51 do 3º livro.

Tenho fontes muito ilustres de que nos vencedores houve tanto excesso contra as coisas lícitas e também as ilícitas que um soldado raso da cavalaria tenha pedido uma recompensa a seus comandantes, anunciando o irmão ter sido morto por ele mesmo na última batalha. Nem o direito dos homens concedia aos comandantes premiar essa morte nem a causa da guerra permitia castigar o soldado. Haviam divulgado que o mérito dele era, por assim dizer, para maiores prêmios do que aqueles que se pagariam integralmente naquele momento: nada além disso se narra. Aliás, nas guerras anteriores entre cidadãos, também havia acontecido um crime semelhante. Com efeito, no combate que se travou junto ao Janículo contra Cina,

um soldado de Pompeu matou o próprio irmão; depois, descoberto seu crime, matou a si próprio, como Sisena lembra. Em nossos antepassados, foi tão mais apaixonada a glória no meio das virtudes como tão mais rigoroso foi o arrependimento nas ações desonrosas. Mas recordaremos, não fora de propósito estes e outros exemplos tomados da antiga memória, quantas vezes o acontecimento e o lugar requeiram exemplos de retidão ou requeiram compensações de ações muito ruins (*Celeberrimos auctores habeo tantam uictoribus aduersus fas nefasque inreuerentiam fuisse ut gregarius eques occisum a se proxima acie fratrem professus praemium a ducibus petierit. Nec illis aut honorare eam caedem ius hominum aut ulcisci ratio belli permittebat. Distulerant tamquam maiora meritum quam quae statim exoluerentur; nec quidquam ultra traditur. Ceterum et prioribus ciuium bellis par scelus incidere. Nam proelio, quo apud Ianiculum aduersus Cinnam pugnatum est, Pompeianus miles fratrem suum, dein cognito facinore se ipsum interfecit, ut Sisenna memorat: tanto acrior apud maiores, sicut uirtutibus gloria, ita flagitiis paenitentia fuit. Sed haec aliaque ex uetere memoria petita, quotiens res locusque exempla recti aut solacia mali poscet, haud absurde memorabimus).*

Ainda no rastro da destruição de Cremona e para ressaltar um ato de extrema frieza e crueldade cometido por um soldado nessa batalha, o historiador utiliza o argumento de autoridade, informando que sua narração é assegurada por outras testemunhas do fato. A cena apresentada é de tal gravidade que ultrapassa aquilo que deveria ser permitido em uma guerra e isso é ratificado com o desvio do foco narrativo para se narrar algo semelhante acontecido em outra época, acontecimento que revela a honradez de um soldado por ter dado o exemplo, ter tido a atitude exemplar de retirar a própria vida devido ao *nefas* presente no ato de assassinar o próprio irmão. Ao buscar exemplos passados para suprir aquilo que propositalmente deixou de narrar, Tácito realça o teor abominável e horrendo do

ato do soldado, proporcionando em sua tessitura outro *locus horrendus*.

Há, no excerto, a narração de dois atos com conclusões opostas, e as palavras *nefas* e *fas* constroem, desde o início do fragmento, o percurso pretendido por Tácito, a saber, a demonstração para o leitor, com a consequente constatação, de que o exemplo antigo, o *mos maioribus*, deve ser seguido por todos. Pode-se ler, nesta descrição de cena em que há um crime abominável, a evidência de que as situações saíram do controle – evidência reforçada por ser um exemplo vindo de um soldado raso e de não alguém de uma patente superior cometendo o crime – e de que, nessa fuga ao controle social por causa da guerra civil, impiedades foram cometidas, crimes abomináveis até mesmo para os olhos dos romanos, povo afeito às guerras.

O trecho analisado é marcado por oposições. Tácito, para fazer valer sua intenção didática, constrói o capítulo utilizando recursos antitéticos. Além de opor ações – a morte provocada por um irmão – acontecidas no ano dos quatro imperadores com a batalha travada no Janículo em 87 a.C., Tácito reforça a oposição pretendida por meio de vocábulos, como *fas* e *nefas*, *honorare* e *ulcisci*, *uirtutibus* e *flagitiis*, *gloria* e *paenitentia*, *recti* e *mali*. Dessa maneira, o fratricídio de 87 a.C. termina em ação exemplar. Por outro lado, em oposição, apresenta palavras de cunho negativo para intensificar a desordem e o horror provocados pela guerra civil de 69 d.C., desordem criticada em várias passagens das *Historiae* e proveniente da falta de liderança, apontando que a ausência de liderança desencadeia cenas como as narradas.

Há, portanto, nessa cena, um constructo retórico que se estrutura por meios de elementos psicológicos comportamentais e comparativos para que o leitor e a audiência de fato captem e visualizem a crueldade e o abominável de cena narrada, formalizando dessa maneira um *locus horrendus* em que o mais horrendo é a percepção da degradação de uma época em contraposição com outra.

Assim, as cenas de atrocidades, cenas em que há a presença do *locus horrendus*, tornam-se o fio condutor do veio histórico, ações empreendidas não só por um per-

sonagem, bem como também por um exército. Dessa maneira, o *locus horrendus* equipara-se e confunde-se com a *stásis* grega, revelando assim a rivalidade e a hostilidade no próprio seio dos romanos e, consequentemente, fazendo surgir a guerra civil e a ruína social. Nessa obra, Tácito procura, além de demonstrar as ações ocorridas, propor reflexão sobre esse momento trágico da história romana. No início das *Historiae*, o próprio autor, para reforçar a gravidade daquilo a ser narrado, insere trecho que faz referência às divindades, com o intuito de exprimir o desamparo absoluto dos romanos em relação às atrocidades perpetradas, trecho este que é *nec enim umquam atrocioribus populi Romani cladibus magisue iustis indiciis adprobatum est non esse curae deis securitatem nostram, esse ultionem* (com efeito nunca antes havia sido provado por mais cruéis calamidades do povo romano ou por mais legítimos sinais que não é do interesse dos deuses a nossa segurança, mas sim o nosso castigo). Esse castigo e abandono por parte dos deuses torna o horrendo, ao perpassar a obra, uma experiência da desagregação romana, via guerra civil, como sendo mais contundente e incisiva. Enfim, por meio de recursos retóricos variados, Tácito faz chegar aos seus leitores a visão necessária para demonstrar os vícios estabelecidos e impregnados naquele ano de 69. Essa persuasão se faz também por meio de imagens que provocam, ou devem provocar, a reflexão a respeito do poder do que um exército descontrolado detém.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Trad. de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2013.
- CÍCERO. *De oratore*. Texto em meio eletrônico: <http://www.the-latinlibrary.com/cicero/oratore2.shtml#358>
- CICERÓN. *La invención retórica*. Trad. de Salvador Núñez. Madrid: Biblioteca Clásica Gredos, 1997.
- DICIONÁRIO. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford University Press. Oxford. 1968.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HORÁCIO. *Arte Poética*. Trad. de Dante Tringali. São Paulo: Editora Musa, 1993.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

MARTIN, Ronald H. *Tacitus and the writing of history*. University of California Press, 1981.

MELLOR, Ronald. *Tacitus*. New York, London: Routledge, 1993.

PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno. *Narrativa e Media: géneros, figuras e contextos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

PLINE LE JEUNE. *Letres (livres I-III): vol. I*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

QUINTILIANO, Marcos Fábio. *Instituição Oratória*. Tradução, apresentação e notas de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo 1. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

SANTORO L'HOIR, Francesca. *Tragedy, rhetoric, and the historiography of Tacitus' Annales*. Michigan: The University of Michigan Press, 2006.

SANTOS, António Ramos dos; VARANDAS, José. *A guerra na antiguidade II*. Lisboa: Caleidoscópio, 2008.

SILVA, Frederico de Sousa. *Historiarvm libri. Estudo e tradução*. 2015. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-22062015-135246.

_____. Tácito e o Liber Historiarum. In: CAMARGO, Fábio Figueiredo et al. *Literatura: digressão/ transgressão*. Uberlândia: Edufu, 2016. p. 39-49.

TRINGALI, Dante. *A arte poética de Horácio*. São Paulo: Musa Editora, 1993.

VASCONCELOS, Beatriz Ávila. *Ciência do Dizer bem: a concepção de retórica de Quintiliano em Institutio Oratoria, II, 11-21*. São Paulo: Editora Humanitas, 2005.

NOTAS

- 1 As traduções das *Historiae* são de nossa autoria e fazem parte de nossa tese de doutorado. O trecho referido encontra-se em I, 2, 1-6.
- 2 Instituição Oratória, XI, 2, 18 (tradução nossa).
- 3 De oratore 2, 358.
- 4 Ars poetica, 1-5.
- 5 Instituição Oratória, X, 1, 68.
- 6 Epistulae, II, 11, 17.
- 7 *Historiae*, II, 52, 1-6.
- 8 *Historiae*, III, 51, 1-6.
- 9 *Historiae*, I, 3, 3.

O AUTOR

Frederico de Sousa Silva possui graduação em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2000), especialização em Estudos Literários também pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2005), mestrado em Letras (Letras Clássicas – Latim) pela Universidade de São Paulo (2008) e doutorado em Letras (Letras Clássicas – Latim) também pela Universidade de São Paulo (2014). É professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: fredericosousa@ufu.br. Orcid: 0000-0002-8854-9019